

VIAGEM À ESPANHA [4]

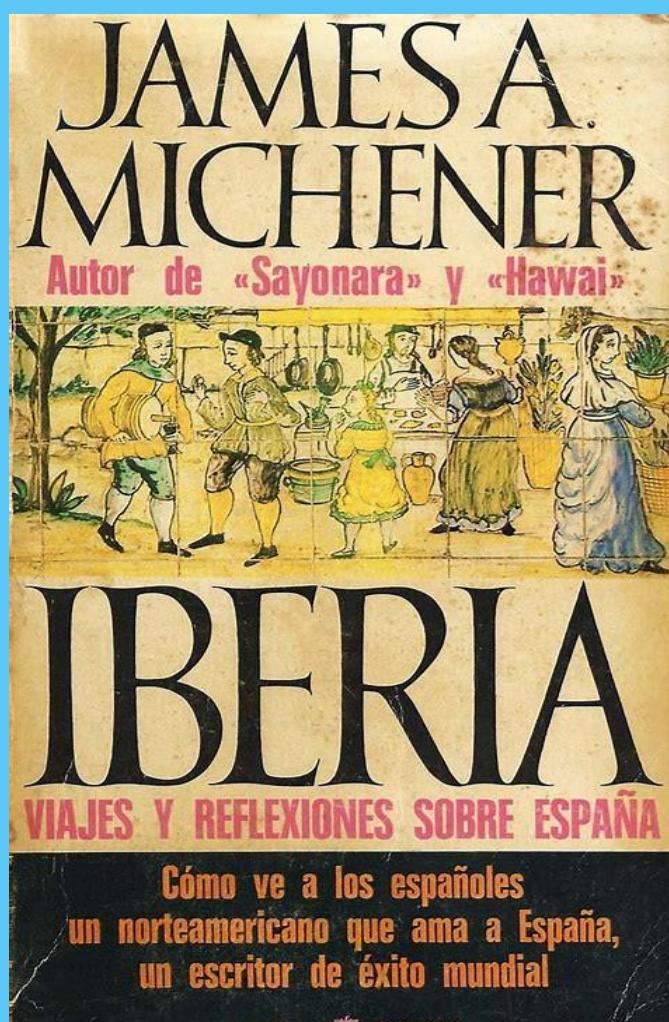
UM GIRO PELO LITORAL BASCO

Meus bisavós são espanhóis e emigraram para a América, no começo do século XX. Embora tenham vindo no mesmo navio, os paternos foram para a Argentina e os maternos ficaram no Brasil, atraídos pela riqueza que o café poderia propiciar, mas essa é uma história a ser contada em outra hora.

O que quero registrar, para começar esse capítulo de meu diário de viagem, é que, com a

Espanha, tenho alguns vínculos. Um deles foi tecido, quando li, de James Michener, o livro intitulado **Iberia**, que me foi emprestado por um grande amigo.

Recomendo-o, pois, mesmo que ele tenha sido escrito nos anos de 1960, e lá se vão 50 anos e picos, como diriam os espanhóis, por meio dele, é possível se construir uma boa representação das regiões que compõem o país.



A capa que reproduzo ao lado não é a da mesma edição que li, mas não faz mal, porque o fundamental é retomar o sentimento que o livro me propiciou há algumas décadas atrás.

Havia acalentado um sonho de, algum dia, fazer a viagem pela Espanha, segundo as indicações do que viveu e percorreu Michener, quando escreveu o livro, mas isso não é possível: não se trata de tempo ou de dinheiro ou de outras condições (embora esses possam ser limites), mas do fato de que uma experiência como essa não se repete.

No entanto, agora que vim a conhecer o País Basco, de uma forma que não sei qual foi, veio-me do fundo mais fundo da memória alguma lembrança da representação que construi sobre essa parte do país, quando li essa obra.

Talvez duas palavras tenham me ficado como marcas desse território: identidade e paisagem.

Sobre a identidade escrevi um pouquinho no “capítulo” intitulado “Euskadi e Bilbao”; sobre a paisagem basca quero tecer alguns comentários aqui.

Na maior parte do país, predominam paisagens típicas de climas semiáridos, caracterizados por pouca chuva e/ou má distribuição delas no decorrer do ano. Isso confere à paisagem uma multiplicidade de tons *amarelos, ocres, marrons, quase cinzas*, que me passam a ideia de certa dificuldade para se fazer a vida na área rural.

É claro que, com a irrigação, o uso de conhecimentos e de tecnologias, é possível até se plantar sem terra, como mostram as verduras hidropônicas, quanto mais cultivar em terras pouco úmidas.

Pois é, estou falando como é a Espanha, apenas para começar a explicar que o País Vasco, embora pertença a este país, é diferente dele. Como vêem os leitores, estou lusitana demais, explicando uma coisa pelo que ela não é. Exatamente isso: quando se percorrem as

estradas do País Vasco, ao contrário do que se vê na maior parte do território espanhol, encontramos paisagens verdes claras e secas, em tons de verdes.

Percorrendo suas estradas é possível, entretanto, ver que esse verde denotativo de uma paisagem cheia de potencial. Sei que é um equívoco, mas sendo do mundo tropical, sempre achamos que as melhores paisagens são aquelas em que predominam o verde: vai perguntar para um esquimó se ele acha o mesmo. Esse verde, no País Vasco, mistura-se com um relevo bem acidentado, fazendo com que as propriedades rurais tenham a maior parte de suas terras com graus de declividade que impedem ou, ao menos, dificultam o total aproveitamento da terra, o que ajuda a confirmar a representação que se tem dessa área como sendo a de um povo que trabalha duro.



No entanto, mesmo sabendo, como geógrafa, que a paisagem é uma síntese de múltiplos elementos e fatores, a vegetação, do ponto de vista da fisionomia do ambiente, é o que mais

conta, por isso percorrer as estradas do País Vasco e observar esse verde mais frequente no mundo tropical é um prazer.

As edificações em pedra, algumas portentosas, mas a maioria delas muito singelas, onde devem habitar os rurícolas ou passar os finais de semana os urbanóides, entrecortam as áreas cobertas por coníferas e outras espécies e se instalaram aos pés das elevações do relevo. Elas estão sempre olhando para o estreito vale, onde algum tipo de agricultura, principalmente o trigo, é desenvolvida em nesgos de terra, que são as pequenas faixas que se prestam a esse aproveitamento.

Optamos por fazer um pequeno percurso mais na porção oeste do litoral basco, deixando portanto de visitar cidades maiores, como San Sebastian, mais equipada e mais turística. Nossa escolha deveu-se a uma sugestão feita pelo

funcionário. que nos atendeu no escritório de informações turísticas de Bilbao.

Saindo desta cidade, fomos em direção a Portugalete, na expectativa de cruzar o Rio Nérion mais próximo de sua foz, para podermos ver a famosa Puente de Bizcaia, de 1893, que está numa foto abaixo, e é considerada Patrimônio da Humanidade pela UNESCO.

Linda não é mesmo?

Pois é, também acho que ela é linda, mas só pela foto, porque não conseguimos chegar até ela. O GPS nos desnorteava num conjunto de viadutos e pontes que se entrelaçam ligando autopistas a estradas nacionais e outros caminhos que não conseguimos, sequer, perceber que ela estava dentro da cidade de Portugalete... Rodamos, rodamos e desistimos.



Fonte: https://gl.wikipedia.org/wiki/Ponte_de_Biscaia#/media/File:Zubia_jun.jpg

Desistimos e partimos em direção a San Juan de Gaztelugatxe, que, no mapa do Google, aparece como Gastelugatxe Doniene.

Esperava encontrar uma cidade litorânea, com praias e edifícios com residências de final de

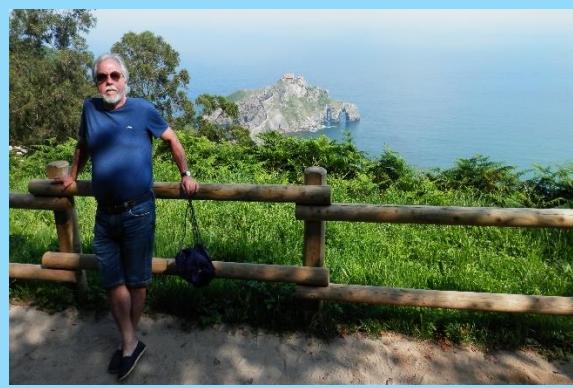
semana e férias, mas nos deparamos com um enorme penhasco, a partir do qual podíamos ver lá embaixo um parcela recortadíssima do litoral, em que há uma presquília, como os franceses conceituam essas formações litorâneas. O visual

era lindo, mas a descida até ela mais o retorno, pelos cálculos do Google Maps, exigiriam quase duas horas de caminhada.

Acabamos por nos contentar com o visual – descer até lá, pelo caminho pedregoso seria até fácil, mas depois subir – não sei não. Decidimos permanecer no Mirador de San Juan. Com exceção da foto inferior da direita, retirada do Google Maps, as outras três foram feitas por nós.

Havia muitos carros estacionados no mirador e alguns motorhomes, ficamos por ali vendo como vem gente de todo canto para conhecer

algum pedacinho do mundo. Quando morávamos na França, há mais de duas décadas, havia uma visão de senso comum de que os holandeses, por serem pão duros, só andavam de motorhome e vinham com alimentação comprada em seu país armazenada para todo o período de férias, de modo a não gastarem nada nos outros países. Passamos a olhar as placas do veículos-casa e havia indicações de vários países, inclusive da França: terá piorado a situação econômica dos europeus ou os franceses também ficaram pão duros?



Descemos, na sequência, para o sul em direção a Guernika-Lumo, a primeira cidade a sofrer um bombardeio aéreo massivo sob comando do movimento político liderado pelos nazistas, o que ocorreu em 1937, por solicitação do General Franco, aliado de Hitler.

Depois do final da guerra, a cidade foi totalmente reconstruída e não possui grandes

atraivos turísticos, a não ser o que decorre dessa triste memória. Há um parque, no qual existe um tronco de carvalho petrificado (o Guernikako Arbola) e vários novos carvalhos, o que se constitui num ambiente, no qual, anualmente, os bascos se reunem em assembléia democrática para tomar decisões sobre o futuro próximo da luta dessa nação.



No dia de nossa visita, como se estivessem alheios ao tiroteio aéreo nazista e às reuniões democráticas dos bascos, várias crianças da pré-escola faziam um lanche e brincavam, para, logo em seguida, voltar para a escola, localizada ali perto, lideradas por seus professores que carregavam umas bandeirolas e seguravam a corda, à qual todos tinham que atar suas mãos para o retorno. Entoavam um canto tão estranho e gritavam umas palavras de ordem tão alto, que mais parecia que estavam

brigando – a língua basca é mesmo muito estranha.

Junto a esse parque está uma bonita edificação – a Casa das Juntas – no local de uma antiga capela de 1769, da qual só resta parte pequena da fachada indicando o ano da construção. No novo prédio, desde os anos de 1970 – funciona o Parlamento da Província de Biscaia. O que encanta, nele, é a própria sala do parlamento e, sobretudo, num ambiente anexo, o vitral que faz as vezes de teto e telhado, onde se representam pescadores e agricultores

bascos embaixo do tal carvalho. Não tenho certeza, mas é provável que o vitral tenha cerca de 10 metros de comprimento por uns cinco de largura – ele é monumental e muito lindo com os raios solares passando por ele nessa manhã de julho.





A pequena Guernica-Lumo, que tem uma história tão triste, ao menos está imortalizada no famoso painel de Picasso, pintado em óleo, no mesmo ano do bombardeio aéreo, apenas dois meses depois do ocorrido.

Mede 3,40m por 0,76m e, hoje, está no Museu Nacional de Arte Reina Sofia, em Madri, onde o visitei já duas vezes, mas foi elaborada por encomenda do governo republicano de Paris par

uma exposição contra as ações nazistas do período.

A obra – Guernica – é uma das mais emblemáticas do movimento cubista e não há como não se emocionar diante dela, tanto pelo tamanho, que se pode depreender pela pequena foto no canto inferior direito, como pela força das figuras representadas e dos tons de cinza e negro utilizados por Picasso.



Saindo de Guernica, passamos por Leiketio, para almoçar num restaurante indicado pelo guia – Meson Arropain –, que ocupa o que foi uma casa rural, hoje localizada num pequeno pueblo desse município.

A casa mantém sua base de pedras, que segundo indicações é do século XVIII, e sobre ela as paredes rosas e a porta azul, compõem um ambiente bonito.

As mesas bem arrumadas e enfeitadas com hortênsias, como as que estão na fachada frontal tornam tudo muito simpático.

Para o tamanho do lugarejo, são impressionantes a qualidade das instalações do restaurante, o bom tempero do peixe assado, o mobiliário de bom gosto, sem ser metido a besta, o padrão do serviço e, depois, também chamou atenção o tamanho da conta... Valeu a pena.

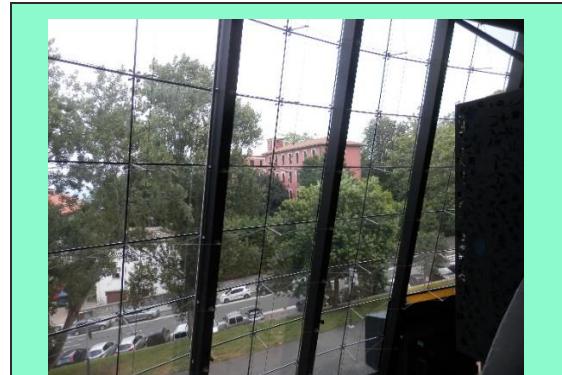


Getaria, também chamada de Guetaria (vimos as duas formas escritas nas placas) foi nossa

última parada no litoral e fomos atraídos a ela para conhecer o Museu do estilista Balenciaga

que nasceu nessa cidade em 1895. Seu nome completo era Cristóbal Balenciaga Eizaguirre, fez toda sua vida profissional em Paris, tendo sido contemporâneo de Coco Chanel e Christian Dior. Morreu na Espanha, em 1972.

Impressionou muito o tamanho da edificação que abriga a Fundação Balenciaga, a qualidade da arquitetura e da museologia que possibilita a quem o visita compreender não apenas os contextos históricos em que aquelas lindas roupas foram feitas, como as condições técnicas que eram exigidas para cada uma delas, desde o tecido, até os cortes elaborados por ele, que, segundo o ali registrado, era perfeccionista, além



de inovador. O edifício foi implantado na parte mais alta da cidade, de onde ela pode ser vista, bem como a pequena baía junto à qual foi implantado o núcleo urbano. As paredes de vidro sustentadas por estruturas de ferro bem desenhadas compõem um conjunto de vários andares, aos quais se accede ao primeiro nível por escadas rolantes que estão ao ar livre e servem também para a população local ir da parte baixa para a mais alta da cidade, e, depois, por elevador que vai possibilitando a entrada nas várias salas, em que seus vestidos estão expostos em ambientes escuros, nos quais a luz recai apenas sobre eles.



Vejam, na foto superior direita, o finalzinho da escala rolante e a vista que se tem do que posso chamar de o centro da cidade no plano mais baixo.

Dentre as vestimentas expostas, verdadeiras pequenas obras de arte, a mais bonita de todas, para mim, é o vestido de noiva, cuja foto copio no quadro superior esquerdo: o tom aperolado, a ligação da manga sem costura alguma ao corpo, a pequena cauda que se sobrepõe ao vestido, sem

Nas demais fotos, algumas poucas perspectivas do prédio, que não estão à altura da beleza do prédio.

que haja qualquer corte no tecido que compõe o essa sobreposição, são detalhes que o tornam maravilhoso. O vestido preto também impressionou muito pelo conjunto de drapeados que estão tão bem plissados e não geram a impressão de algo balofo ou pouco assentado ao corpo.



Fonte: Wikipédia



Fonte: <http://www.ellalabella.cl/wp-content/uploads/2011/10/vestido-Cristobal-Balenciaga-1966-fotografia.jpg>



Fonte: http://4.bp.blogspot.com/_kKz4aWvZvg/TOZDMV56uil/AAAAAAAABJo/nxxMlyYWRA/s1600/Mix+vestidos+Balenciaga



Embora pequena, Getaria é uma cidade litorânea muito simpática. O centro histórico pode ser percorrido a pé, ainda que as ruas sejam muito íngremes. O cais está cheio de barcos de pescadores, mas também de

lanchas que devem ser usadas, sobretudo, no verão. As ruas estavam cheias de gente e, por falta de espaço na pequeníssima praia que banha a cidade, havia gente tomando sol nas áreas de atraque das embarcações.



Carminha Beltrão

Julho de 2018